

**A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS,
OS QUE COMEÇAM: REVISITANDO JOÃO DO RIO,
THE CHARMING SOUL OF THE STREETS, THE ONES THAT STARTS:
REVISITING JOÃO DO RIO**

Richard Emanuel Silveira D'Avila¹

RESUMO: A veiculação da cultura e da cultura civilizatória acontece de modo a ninguém se opor significativamente a este processo, tal qual ocorre por conquista, por apresentação de um novo modelo, cujo ideal é dado como melhor, ou pela imposição que ocorre na maioria das vezes; quando em país estrangeiro, pela imposição da língua, pelos bens de consumo e avanços tecnológicos. O distanciamento, o desenraizamento e a vulgarização da cultura, cada qual com sua inscrição teórico-social, é responsável por denominações mais ou menos ponderadas. O distanciamento sucumbe quando na valorização da produção cultural advinda das margens, garantindo a veiculação de seu sôfrego pensamento, suas aspirações e desejos. O meio intelectualizado também perde um pouco sua função quando não encontra maneiras de ensinar às camadas subalternas, cresce aí o distanciamento; já não há mais sabedoria para lidar com os conceitos internalizados e não sistematizados das classes desfavorecidas. As atrações descritas em grosso modo, são ainda singularmente exploradas pelos que fazem da rua o palco de suas vidas, a serem mostradas e analisadas e como se portam frente as tendências coletivas.

***Palavras-chave:** Rua. Pós-Modernidade. Ruptura Social. Tendências. Cultura.*

ABSTRACT: The propagation of the culture and the civilization culture happens in order nobody to oppose itself significantly to this process, such which occurs for conquest, presentation of a new model, whose ideal is given as better, or for the imposition that occur most of the time; when in parents foreign, for the imposition of the language, the goods of consumption and technological advances. The distances, the unfasten and the vulgarization of the culture, each one with its theoretician-social registration, is responsible for more or less weighed denominations. The distances loses when in the valuation of the cultural production happened of the edges, guaranteeing the propagation of its hard thought, its aspirations and desires. The intellectuality way also loses a little its function when it does not find ways to teach to the subordinate layers, the distances grows there; already it does not have more wisdom to deal with the inside and not systemize concepts of the disfavored classrooms. The described attractions in thick way, still are singularly explored for that they make of the street palco of its lives, to be shown and analyzed and as if the collective trends carry front.

***Key- Words:** Street. After-Modernity. Social rupture. Trends. Culture.*

A alma encantadora das ruas Os que começam: Revisitando João do Rio

As ruas, representadas no século XVIII e XXI; a história que o diga, pois como são feitas as descrições, como são pintados os retratos de tempos idos, os frangalhos de um povo ou de uma nação, tais quais, representados por uma mimese, por uma realidade circundante que não é definida, senão gêmea ao sangue de dois séculos findos. O que nos incumbimos aqui é a alma encantadora das ruas, aquela de natureza voraz por onde se cruzam as veias de todo o

¹ *Especialista em Linguagens Códigos e Suas Tecnologias, Professor do Estado do Paraná, Poeta.
E-mail: richarddavila@seed.pr.gov.br*

passar, de todo o vir e ir, frente a castiçais movidos a eletricidade, a combustão de fosséis e a água suja das valetas que escorrem ao desconhecido. Mas o que ainda chama atenção são as relações infames que se tecem entre a trama da rua e a lama dos passantes; junto a rua estão todas as igualdades do andar, daqueles que por ela passam sem deixar marcas, afinal as ruas são recobertas de uma matéria que não nos permite marcas, as ruas a que me refiro não são as de um universo singular, pequenas aglutinações chamadas cidades mas as de uma grande cidade onde tudo pode acontecer. No limiar multicultural das desigualdades sociais, as ruas, vielas e becos completam o sentido de uma existência frívola construída atrás de enormes muros, o desaparecimento, o obscurantismo e o anonimato de uma classe que traz estampado o desejo de aparecer e gritar aos quatro ventos que detêm o poder, o capital e a fama. O que nos diz o restante dos caminhos está oculto às margens da mesma realidade a qual podemos chamar “era de importação de cultura enlatada”, apenas no que tange em sentido rua, as cartolas hoje representam o chapéu sombreiro da via campesina e o boné do happer, ambos ao pé de uma catástrofe social, ambos lutando por aparecer assim como os passantes que exibiam suas cartolas e seus pesados paletós pretos ao calor da primeira capital brasileira. O fato social, o mesmo; uma história construída em um país cuja identidade destina-se ao viés latino americano, de uma cultura escravocrata persistente que de oprimidos passam a opressores como se caíssem no profundo véu do esquecimento, deixando pra trás todo o sofrimento a que as ruas são testemunhas. O mundo das ausências, daquilo que chamam de falta de intimidade com a palavra, leva a crer que o mesmo acontece com as infinitas posturas apresentada pelos diversos caminhos humanos a que somos submetidos, pela alma das ruas; estas permitem a aproximação extremamente íntima com o que verdadeiramente somos, eis a apresentação do que se pode afagar e trazer junto ao peito em gesto de caridade aos descamisados da história. Nunca se pode conhecer por completo o elemento intrínseco a rua, mas é rápido processo de reunião de fatos, conteúdo e assuntos que nos propiciam uma idéia bastante tangível do lugar; e, sendo as ruas muito grandes, talvez não em dimensão métrica, além do que as estatísticas podem representar, elas, em descrições dionisíacas são o amalgama do povo. A maneira como se comportam os que constituem a rua, o afeto, a facilidade de contato, a pré-disposição dos andares demonstram a personalidade, o comportamento maduro e sábio, sem falar do respeito que têm os que nela urinam para dar um ar ainda mais marcante frente a sua generosidade para com seus malfeitores que não deixam de ser seus eternos reconstrutores. Diante da “inausência”, a questão do vazio, não deixa de ser uma característica do espaço que comporta a rua; um dilema que persiste; o dilema de existirem espaços enormes, acolhendo ou guardando apenas um velho cobertor de

um mendigo passante. As atrações descritas em grosso modo, são ainda singularmente exploradas pelos que fazem da rua o palco de suas vidas, a serem mostradas a maneira como se portam diante das tendências coletivas. O que lhes resta é apenas, ou talvez, um único caminho frente às imposições universalistas, advindas de um molde capital que entorpece um elenco de mentes visionárias, a procurar um elemento concreto para finalizar uma gama de divagações que são pronunciadas ao concretismo total de uma transformação urbana, cuja qual, a rua é sempre a primeira vítima. Ao passo em que andamos pelo inocente desvario da rua notamos os encantamentos que se escondem no trajeto, muitas vezes clareado e acalentado pela esperança frugal de que as coisas, e mesmo nós, nunca, estaremos tão abertos e dispostos a mostrar ao mundo a profunda intimidade que se conserva intacta, até que o cenário escancarado surja à frente fazendo com que a tudo e a todos seja possível a visão de um estabelecimento fechado marcando a desesperança ou ainda a queda de um velho ao subir do asfalto à calçada permitindo, por poucos segundos, que a grisalha rua chame para si os que por ela passaram e a construíram. No universo das arbitrariedades encontramos na rua, mesmo diante de inúmeras negações daquilo a que chamamos de estado, o fogo ardente dentro de cada ser vivente, a rua demonstra a sagaz capacidade de organização popular para construir, mesmo sob o já fundado; uma nova perspectiva universal no que diz respeito aos caminhos que nos levam do campo a cidade e da cidade ao campo. A rua por sua constituição natural, demonstra além das já citadas imperfeições, que a liberdade por ela ofertada não é tão vasta quanto nos parece. O enquadramento de uma possível explicação ao aspecto limitante da liberdade nas ruas quem sabe passe pelo crivo da estética. Neste caso, isto nos remete a refletir acerca da não liberdade que comanda as inausências da rua; retorna ai um monstro, que além das ruas, a todo resto controla, eis que este detém uma autoridade que se pode chamar de corretores estéticos da sociedade. Estes têm o dever de manter a beleza nas ruas, a perfeita ordem, pois se é “feio” à estética foge a vista, logo a correção de toda forma, a esta correção o estado as intitula, leis. Mesmo que tenhamos a ingênua impressão de que o ir e vir nos pertence, podemos fazê-lo, até que junto à rua ou em sua total composição não venhamos a ferir a estética. Quando a estética é ferida e desmitificada, seus defensores tratam logo de aplicar a correção. Com ou sem permissão, misturam-se toda gente aos caminhos sugeridos pela rua; nada é possível também encontrar, detritos do capital bem como a pestilência de seus construtores. A hidra dormente vigia, apavorando e oprimindo os que tentam via rua encorajar a dissolução dos caminhos tortuosos acolchoados pelo monstro e sua estética, mesmo que de alguma forma soe contraditório, porém esta é uma de suas infinitas facetas. Em todas, ou se não em sua maioria, as construções que inundam as ruas possuem um

espaço, agora não o imenso vazio, mas um distinto pequeno espaço para e destinado a “servidão mascarada”, bicos que suprem toda a espécie de necessidade humana; este é o desgraçado modo de agradecer e diminuir o sufrágio daqueles que vivem e transitam sobre a rua na sociedade que assim se constitui. Muitas razões teríamos para fazer a decapitação do monstro que domina a rua, porém o que constitui o pensamento primeiro a ser compartilhado é o de analisar as entranhas da estética que vivifica e redobra a vitalidade do estado de opressão. Antes que se pergunte, já se deve a resposta, eis a agregação, não a de valores, pois estes já renegados ao escárnio, pouco sobreviverão; a agregação de idéias e forças a serem utilizadas na divulgação e insurreição dos anseios daqueles que vivem às margens da estética da rua. O desmascaramento se dá aos poucos e deve-se a muitos, pois o sistema ao qual, submetem-se as pedras da rua não mais comporta a infra-estrutura nem tampouco o que determina a superestrutura incontingente. As margens permitem um incessante e intensivo ataque a tudo o que foi instituído; através das fissuras do capital, surgem e são visíveis as manchas emboloradas tão belas que aos séculos vem demonstrando o malogro da propriedade, da dominação e da necessidade de um senhor real ou sobrenatural como regente da miséria universal da humanidade. Não cabe aqui analisar a estética e suas implicações em sentido intrínseco, mas quando falamos acerca da mesma, os velhos gregos deixaram uma herança senão maldita. Ao dominar esta arte que deveria servir ao propósito de enaltecimento do espírito humano, fez o contrario, em termos ditatoriais norteadores que em tempos hodiernos está por trás e em frente ao espelho do capital. O capital continua bem ao menos a priori, porém a banalidade da vida que se pode perceber no limiar dos séculos pela usurpação da vida humana por meio do trabalho escravo; este que presenciado pela rua sugere hoje uma forma não distante, mas moderna e mascarada; frente à era da industrialização mecânica e tecnológica as atrofia continuam cumprindo seu papel. Como matar e se livrar das grandes massas de miseráveis que infestam as ruas dos grandes centros e que poluem, segundo o capital, os pequenos conglomerados urbanos; não se ousa dar a isto uma resposta; AIDS, transgênicos, gripes e o petróleo. “*O monstro transformador irrompeu, bufando por entre os escombros da cidade velha, e como nas mágicas e na natureza, aspérrima educadora, tudo transformou com aparências novas e novas aspirações.*” (DO RIO,1907,p.47). As ataduras importantes para manter aos trancos a insólita estrutura marginal que infinitamente engole e acredita em doces palavras e sutilezas do monstro.

Três aspectos da miséria

A rua, fiel testemunha da liberdade constituída sobre a vaga impressão do destino social promete, mas por sua essência e constituição leva como Queronte os mutilados da história.

Em sociedade diversa, multicultural onde a rua se constrói; onde os instintos impulsivos são obscurecidos, nota-se a existência do que chamam de mal social, as veias abertas da exploração da mulher ao velho dilema de que uns têm mais outros têm menos, ninguém dá o que falta não faz, porém dão às margens um ar ainda mais desgraçado comprando corpos ao seu bel prazer, salientando a usura, a aspereza declinante do capital. Mas o que poderíamos dizer das ruas em seu estado natural é que as mesmas se mostram, se podemos arriscar, segundo Nietzsche, um estado dionisíaco, o que representa uma transição, esta que também supõe uma lucidez, mas para tanto, segue necessária a possibilidade de distanciamento do fato erudito do qual pertence a estética dionisíaca, o fato é que a beleza distinta de Dioniso surge para insuflar as massas ao estado de êxtase.(SAFRANSKI, 2001, p.63). Quando vista de outro ponto, esta circunstância sobrevoa o ático dando ao vasto campo latino um ar de superioridade por suas culturas ociosas, lugar e estado, cujo qual, se pode vislumbrar o perfeito ambiente à resoluta anarquia. Longe das garras afiadas do capital, na terra das possibilidades, a América Latina provê, por sua história, um caminho amplo por questões que demarcam a luta; a educação, o trabalho, a constante luta camponesa, a valorização feminista e os direitos sociais; estes que compreendem a gama de elementos responsáveis pelo processo de transformações de cunho puramente sociais exemplificam novamente “o caminho” a seguir uma vez que constituídos e fundados com o sangue dos escravizados, garantem a capacidade de um povo capaz de reagir, mesmo que lentamente pela dor, fomentando a instauração do êxtase coletivo. Dizer, aí que a rua se situa ante a tentativa de explicitar o real valor ou até mesmo fugir das conseqüências de negações ao que não agrada as massas, no sagrado e no profano, é possível, porém o que não se pode omitir é a possibilidade de analisar que se situa entre ou além da mimese, de conceitos universalmente divergentes; e a reanálise a partir deste pressuposto urbano - latino - não corre riscos por presumir que a ausência de valores pré-estabelecidos pelo capital, que a define, não é algo para não a validar, pois a atemporalidade a que pertence se sobrepõe frente às tentativas do que é real, que se representa também por expressões antiuniversalistas que descartam os liames entre leis vividas e refeitas em dois mil anos de construção histórica e de possessão capitalista. O que podemos hodiernamente é a compenetrante tentativa de encontrar, além da utopia, plausíveis explicações para a medíocre insanidade que entorpece as ruas que se acostam a sombra. A ânsia, frente aos conceitos instituídos como já dito, encontram realce em preceitos explicitados também em vertentes literárias a cabo de Tolstoi, onde podemos perceber que ao reafirmar sua radicalidade cristã; critica o “*excesso de trabalho, cujo qual, uma minoria egoísta em meios as riquezas e da ociosidade*”, não que estas não sejam necessárias, obriga “a maior parte da humanidade

insistindo no preceito do amor universal” (SCHNAIDERMAM, 1983. pp. 75-89), ensinado por Cristo, considerado aqui como um aliciador à preservação da ordem ao bom andamento da instituição – capital; já que, segundo ele a felicidade está no bem que fazemos aos outros e não nas satisfações egoístas. Em se tratando deste assunto, sugerimos um leve paradoxo recheado de morbidez, pois se para ser feliz é necessário doar-se ao próximo de corpo, suor e sangue e esquecer que também temos direitos e necessidades iguais, se não maiores as do dominador por comparações claras em uma esfera de valores primordiais de subsistência, ainda sacrificar-se para a preservação do capital e da propriedade, encher cofres e priorizar a elite, denominada aqui apenas como forma de nomeação, pois não há reconhecimento de tal titulação, sem olhar para si ou para os indivíduos que compõem nossa esfera social é ter a denominação de egoísta se não há razão para a existência nem tampouco à preservação da espécie. Podemos ainda usufruir da idéia de que, a passividade oriunda da vertente cristã não é de todo mal mistificadora, pois a passividade relutante não ficará dormente ao inescrupuloso capital, quando a luz da consciência penetrar profundamente a alma das ruas, teremos então a verdadeira desobediência civil que nos poderá render o caos a uma forma diferenciada de vida constituindo o viés de novos conceitos estéticos de valoração humana. *“A pátria é pequenina, mesquinha, uma limitação para o amor dos homens, uma restrição que é preciso quebrar”* (ZWEIG, sd, pp. 74-75 e 100). Um outro termo que melhor explicitaria, além do “quebrar” é necessário esfacelar, levar ao mais ínfimo estado ao que se chama de pátria, esta que por sua vez constitui os elementos fundantes de uma prisão, delimitam espaços por suas fronteiras e impedem a coerente possibilidade do ir e vir que deveras é tão vivificado, mesmo que em parte, pela rua e sua trajetória. Nem pela metalinguagem, nem pela realização da estética como um estado novo há de se denominar o que constitui, para não por mais lenha na fogueira multicolorida, nem estaria no plano deste tal empreitada, mas queremos tão somente, *“mostrar uma possível autonomia da linguagem estética - teorias – em relação à obra como objeto criado (linguagem criadora),”* (BRASIL, 1973, p.53) para que possamos, também, ter a percepção crítica em sua integridade analítica frente ao desembocar da rua diante de determinadas mazelas. Assim, admitamos, para que seja também uma metalinguagem, “fruto específico da linguagem – objeto”, apresentada por Barthes. Aqui, esta metalinguagem não se confundiria com a outra metalinguagem, a da estética que fundamenta o tecer da rua como elemento de transformação da sociedade na busca por uma luz que ofusque a instauração destruidora do capital. *“O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de seu retorno”*, (BARTHES, 1966, p.32), fazendo uso desta, Foucault nos remete a outra possibilidade que vai além do mensurável, do tangível e do intangível; as relações que se

estabelecem diante do processo representativo de um estado das coisas se configuram em uma outra esfera, possivelmente não àquela representada e defendida pela estética, nem tampouco pelo elemento constitutivo de um pensamento singular em busca de uma suposta pluralidade.(FOUCAULT, 1996, p.26). A razão nos faz crer, piedosamente em um estado futuro que se constituirá, porém em outro circunspeto atemporal, que não se pode nem se deve tentar situar, as emoções do ser, se são levadas em consideração, valem como ponto de partida a um novo estado, estado de escravização linear histórica e que em infinita complacência faz sombra ao andar do plano material e sua constante luta pela consolidação de seu ideal. Temos então a idéia de que se a história, com seus fundamentos de realidade, sugere uma dada compreensão dos fatos, não se pode negar que a visão constituída acerca do universo real é em suma um grande determinante por um também determinado tempo, pois ao construir o que não se parece nem com uma teoria, nem como um método e nem tampouco um modelo a ser seguido, perdemos a autonomia; assim podemos dizer que aí reside um grande passo ao encontro de elementos capazes de constituir a seu tempo os determinantes sociais para cada momento vivido dentro de um novo contexto.

Onde às vezes termina a rua

A globalização da produção tem oferecido mecanismos para fazer recuar as vitórias conquistadas em direitos humanos. O capital financeiro não se submete à regulação, não reconhece o valor humano dos países emergentes, porque o mesmo pouco contribui para a geração de lucros. A vigilância como dimensão institucional da modernidade é aperfeiçoada para controlar o indivíduo e manter a ignorância instalada frente ao fato social. Constata-se a expansão da produção, consumo de drogas, privatização de serviços básicos de educação, segurança, saúde e moradia. As estatísticas e os relatos apresentam a escalada da violência e a morte de não menos que doze milhões de seres humanos, homens, mulheres e sobre tudo crianças por falta de alimento. Isto é, um Fahrenheit 451 da pós modernidade. Receamos que isso apenas toque a superfície da questão da organização social e a conjuntura da rua como possibilidade. É fácil entender o estado de desespero, angústia, falta de esperança, ódio e temor que prevalece no mundo, fora dos setores opulentos e privilegiados e do "sacerdócio comprado" que canta louvores à nossa magnificência (dos EUA), — uma característica notável da nossa "cultura contemporânea", se é que dá para usar esta expressão sem envergonhar-se. Os efeitos de uma concentração descomunal do capital, podem levar a uma possível ruptura intransponível entre dois mundos, o que já não é tão distante. De um lado

países ricos com tecnologia que garante vida branda e longa, e do outro, países que abrigam uma massa de excluídos pela modernidade, esta que não compreende tão somente questões tecnológicas, mas que se distancia, por sua natureza, de processos instrucionais o que nos vale dizer: estamos mais próximos de uma desgraça social. Fato incontestável, espreitamos uma ou outra tentativa de garantir a subsistência dos processos educacionais, dos institucionais e do fundamento político que se arrasta na tentativa de garantir sua sobrevivência a custos de leis e decretos ao seu próprio bem e, às vezes, como em ato de compaixão, pão e circo ao povo. O fato social se prende à formação, como as sociedades modernas se organizam no acesso, na produção e na distribuição do universo que as cercam. Essa forma, como já se sabe, é profundamente desigual, por que privilegia as minorias que detêm o ter, o poder e o saber sobre as grandes majorias que vivem do trabalho; em nome de tais títulos se apropriam de maneira privada dos bens produzidos pelo empenho de todos. Para melhor explicitar temos, “*A propriedade é um roubo! Que inversão das idéias, humanas! Proprietário e ladrão foram em todos os tempos expressões contraditórias tanto como os seres que elas designam são antipáticos; todas as línguas consagraram essa antilogia...*”² (PROUDHON,1810,p.70). Os laços de solidariedade e de cooperação não são axiais, mas o são o desempenho individual e a competitividade, criadores permanentes de apartação social com milhões de marginalizados, de excluídos e de vítimas. As vítimas estão diante da concepção de um mal ainda maior, o natural e o sobrenatural evidenciam a propagação e instauração de uma vida regida por elementos de sua própria criação. A rua, com toda sua plenitude, comporta os insultos, estes que diante de um estado semiótico se distorcem no preâmbulo do querer e não poder ser frente ao mundo das invenções paradigmáticas e ao mesmo tempo convencionais. A instauração deste universo real das criações, advém, se é que se pode arriscar, de um mergulho fantasioso em busca de uma dissolução problemática, “*Essas coisas— que, através de sua ciência e tecnologia, o homem fez surgir na terra [...]— ele as pode reivindicar como aquisição cultural sua. [...] Há muito tempo atrás, ele formou uma concepção ideal de onipotência e onisciência que corporificou em seus deuses. [...] Hoje, [...] ele próprio quase se tornou um deus [...]. O homem, por assim dizer, tornou-se uma espécie de “Deus de Prótese”. Quando faz uso de todos os seus órgãos auxiliares, ele é verdadeiramente magnífico; esses órgãos, porém, não cresceram nele e, às vezes, ainda lhe causam muitas dificuldades.*” (FREUD,1974, pp.81-401). O momento atual pode ser caracterizado como peculiar na história da humanidade em decorrência do avanço na ciência e na tecnologia

² Autor descreve a sociedade brasileira a luz das influências internacionais em seus múltiplos aspectos- (1904/1932).

ocorrido no século XX. A rua, não perde seu papel de ajustadora dos mecanismos, percorrendo interstícios de uma ciência voltada para o bem e para o mal; referencial este que, faz do homem, por sua natureza, um indomável animal que tenta a todo custo, preservar sua casta nas mais diversas esferas sociais. *“Na época atual, a técnica é uma das dimensões fundamentais onde está em jogo a transformação do mundo humano. A incidência, cada vez mais pregnante, das realidades tecnoeconômicas sobre todos os aspectos da vida social e também os deslocamentos menos visíveis que ocorrem na esfera intelectual obrigam-nos a reconhecer a técnica como um dos mais importantes temas filosóficos e políticos de nosso tempo”*. (MEYER,1999, pp. 153-162). Embora o termo fatídico seja relevante, a luta, o desejo e a esperança de se ter um lugar ao sol, que advém da cultura capitalista, faz com que o ser se submeta a condições inomináveis por que quer ter e ser, para que a rua possa rotulá-lo como parte de um todo divisível e quase invisível na concepção da macro-estrutura. A idéia de global, realmente, trouxe conseqüências que alguns, vêem como positivas, outros, como negativas, entretanto, todos percebem a infusão de mal-estar em que o mundo está fadado. Mas o que deve ser entendido pelo termo mal-estar? Será algo a ser temido pelos resultados nefastos que dela poderão advir? Ou deve ser concebida com uma conotação otimista cuja resolução provoque acréscimos significativos para a humanidade? Seja qual for a resposta, temos que assumir um dado “estado de choque” vivido no momento presente, o que certamente acresce ao humano uma visão mais nítida de que o momento é oportuno a instauração de idéias, de compartilhamento intelectual que seja capaz de encontrar o denominador de um estado de anarquia que reorganize o social e o capital aos anseios da máxima, das margens e do místico evasivo quando em necessidades de fuga do real. O momento levanta a problemática: *“Da perda do senso de realidade, de sentido e de valores, ocasionada pela virtualização do homem, pelo jorrar incessante de informação e imagens via televisão, internet, propaganda [...] é levantada [inclusive] a dominação planetária da ciência e da tecnologia, com a conseqüente eliminação das diferenças culturais. O homem tende a perder um certo senso de interioridade, as coisas simples perdem o seu valor, o pensamento é soterrado pela avalanche de imagens”*. (MEYER,1999, pp. 153-162). Não podemos negar que é flagrante o estado de mal-estar em que se encontra a civilização. Salientamos que o processo civilizatório é um emaranhado de desagregação e agregação. A cada tentativa há um novo risco e uma nova afronta. As transformações desencadeiam rupturas que, apesar dos fatos rotineiros, desestabilizarem a suposta ordem pré-estabelecida, trazem algo também supostamente novo. No entanto, faz-se preciso uma interpretação rigorosa dos desencadeamentos frente às diversas criações da humanidade e de seus reflexos

no cotidiano. A rua como elemento transformador, a saber, como este processo estaria sendo construído é o que nos instiga as tentativas de reorganização coletiva pelo princípio de liberdade de escolha. Embora isso seja visto como fator utópico, ainda há, mesmo que distante, a possibilidade de se ter um panorama diferente, pois como todas as criações e invenções passam da ascendência a decadência o capital não é diferente; vem sendo minado, de modo intelectualmente discreto e de modo conseqüente com uma assegurada agressividade. Em seu auge pós-moderno, *“O indivíduo é solapado tanto pelo conformismo inerente à moderna sociedade de massas como pelas tentativas de reagir à massificação. Cada vez mais o mundo tenta mergulhar no coletivo. Há uma nostalgia do aconchego comunitário, uma busca de raízes, de identidades grupais.”* (ROUANET, 1997, pp.9-30). A existência de um contra discurso se fortalece quando há uma negação dos valores instituídos pelo descaramento do capital; as instituições permitem o acesso ao conhecimento que é legitimado pela lógica do melhor desempenho, instaurando o terror tecnocrata ao bem e ao crescimento do capital. Para que possamos viver a realidade sufocante, é preciso que se desenvolva uma valorização do indivíduo, cada qual com suas expressões que o formam negando fatores que promovam a competição. O que se deseja frente a tal problemática é que haja sim, não uma competição, mas que se promova um mecanismo de possibilidades de acesso ao desenvolvimento individual diferente daquele proposto pelo estado na tentativa frustrante de equiparação, que tenta diminuir a desigualdade promovida por ele e suas instituições de caráter servil e formacionistas. À luz de uma perspectiva social, a rua e suas relações com o fazer e o desenvolver do presente histórico, bem como a estreita relação com a veiculação do saber que repousa em livros, nas mais diversas áreas, em específico aqui, com o desenrolar como fenômeno cultural que é, tem sua evolução delimitada e determinada pela própria transformação da sociedade. A preocupação da literatura e seu interesse pelas margens sociais não se desvincula do contra discurso, assim como é inegável a existência de toda tecitura discursiva em prol da evasão do real que garante os passos do que é institucionalizado. Os determinantes, aos quais, o discurso perpassa, compreendem a vigência do estado em sua totalidade, valendo-se de que tudo o que se institui a partir de um momento temporal; o ser se situa na institucionalidade e construção de todo o modelo permitido pelo instante de suas necessidades, as quais, também não deixam de se submeter às vigências discursivas que o próprio modelo social determina. A existência de variações comportamentais que permitam a atuação do ser são, por sua natureza constituinte, atos diante da ação da possibilidade que o determinam de forma limitada, pois ao mesmo tempo em que permite a mobilidade de pensar, agir e falar, restringe o determinante da atuação à vontade do

pensar, agir e falar outrora instituídos e determinados pelo estado e pelo poder da aculturação. Sem maior delonga sobre o assunto, surge aqui uma correlação com o individualismo, porém este fator também não pode determinar ou destituir o indivíduo das relações que se estabelecem entre os seres. Pois nas sociedades os indivíduos produzem a existência através de relações concretas, determinadas, pessoais. Neste sentido, “ *o indivíduo, ou o indivíduo natural ou historicamente ampliado na família ou na tribo (e depois na comunidade), se reproduz sobre bases diretamente naturais, nas quais sua atividade produtiva e sua participação na produção está orientada para uma determinada forma de trabalho e de produto, e sua relação com os outros está determinada precisamente deste modo.*” (MARX,1986, p.67). A partir deste princípio, podemos dizer que, a individualidade humana é ainda uma individualidade que se realiza de forma limitada, particular; na constituição de nossa sociedade a produção da existência humana também se realiza enquanto produção particular, cada qual com seu valor, bem como a prática do discurso os seres se relacionam com as condições sociais, naturais e biológicas de sua existência como um todo indivisível. Se, somos de tal maneira, a qual a sociedade nos permite é devido à necessidade de uma contra existência a tudo, sem pessimismos ou explicações. Para além daquilo instituído pelo momento histórico em vigor, dizemos que a função dos papéis representados por nossa mimese social pelo interstício literário cumpre a árdua tarefa em preencher o bolo percentual de permanência e instituição, como forma de vigorar, o contra discurso mesmo que este seja notadamente carregado de elementos que o tornam possível. Em aspecto de representação cidadina, cabe a cada ser, de acordo com sua vontade e possibilidade a tentativa de intervir na micro e na macro-estrutura “*o desejo ou a vaidade é trazer uma contribuição de análise à época contemporânea, suscitando um pouco de interesse histórico sob o mais curioso período da nossa vida social que é o da transformação atual de usos, costumes e idéias. Do estudo dos homens, das multidões, dos vícios e aspirações resulta a fisionomia característica de um povo. E bastam às vezes alguns traços para que se reconheça o instante psíquico da fisionomia. É possível acoimar de frívola a forma de tais observações. Nem sempre o que é ponderado e grave tem senso. E o pedestre bom senso, de que a ciência é prolongamento, sempre aconselhou dizer sem fadiga o que nos parece interessante...*” (MARX,1986, p.73). Podemos dizer, não há uma grande necessidade de se inferir que longos discursos muitas vezes são inoportunos e descabidos, pois diante de certas contemplações e aforismos tudo está explícito. Em outras circunstâncias, tudo aquilo que se diz em repetida ordem, histórica ou a histórica tem um papel de sublevação. Os escândalos são necessários ao apreço do capital que sobrevive ao escamoteamento das massas; frente a uma burguesia parasitária, de puro

consumo desnecessário, cuja função é usufruir, deglutir e entupir-se com os bens da classe operária e produtiva. O capital, que denominado burguês, deixa agir, com um deboche sagaz alude ao que se diz; com sua idéia de verdade e poder, pouco se importa que a classe operária o despreze; este desprezo, por ora não vai ao longe, já que talvez ele seja seu único espectador; e na concepção de um universo de valores, somente a ele fala da intensidade de sua depreciação para com sua existência; para não ser pessimista, quem sabe o elo que os une para que se travem batalhas pela lógica e pela estética ou então a crítica da própria crítica, um engajamento. O envolvimento enraizado do capital para com os que a ele são subordinados, percebemos, é de tamanha profundidade que talvez não permita que se digam verdades; embora preconizamos o caos, sua decadência e desestruturação. Olhos para quem quiser ver. Não existe a mínima possibilidade de que um discurso, no universo do consumo, consiga desfazer a concepção de querer igualar-se das massas. Bem sabemos que discretamente o discurso adere ao capital; sente a necessidade de sua existência para justificar a idéia de estética de oposição, pois se este existe é por que o capital assim o permite, é dele que sobrevém a possibilidade da existência dos oprimidos, mesmo que contraditoriamente, sente o desejo de conservar as instâncias do capital para que posteriormente possa também sobressair-se. Se na liberdade da existência fosse possível a consumação do discurso de oposição, a cumplicidade entre oprimido e opressor acabaria, então da necessidade de que exista um grau de permissão dentro de limites estéticos vis. Para preservar sua integridade assim o capital o permite, como um pai que dá as rédeas ao filho para que não se sinta em total aprisionamento, até que se diga: fim da representação. A burguesia, esfacelada, embora haja contrários, tenta manter íntegra a idéia de que tem as rédeas, mas o que não sabem é que a rua com toda a sua força aguarda veementemente para que seja chegada a hora de mostrar uma outra figura da história; *“os oprimidos dormem, os revoltados também; o mundo esta enterrado, a história retoma fôlego. Resta, numa bolha de luz rodeada pelo nada, essa elite que vela, totalmente ocupada com suas cerimônias. Se, entre seus membros existem intrigas, amores e ódios, não ficamos sabendo e, aliás, os desejos e as cóleras se emudeceram: esses homens e mulheres estão ocupados em conservar a sua cultura e suas boas maneiras, e em se reconhecer pelos ritos da cortesia. Representam a ordem no que esta possui de mais agradável: a calma da noite, o silêncio das paixões, tudo concorre para simbolizar a burguesia estabilizada no fim do século, que pensa que nada mais acontecerá e acredita na eternidade da organização capitalista.”* (SARTRE, 1993, p.106). A ordem imposta ou estabelecida *“embotada de cimento*

e lágrimas”,³ compreende um nebuloso espaço constituído por distorções que são responsáveis por uma errônea perpetuação do modelo social que obriga e oprime; que fundamenta o estado e suas leis cabíveis apenas ao soberbo desejo de poder. A insensatez atinge ainda níveis maiores de distanciamento; o pensamento teórico intelectual que se constrói no meio acadêmico está marcado, muitas vezes, a perpetuar essa barreira; as margens e a rua continuam sendo dissecadas pela sociedade que, como o grande salvador, mostra-se responsável pela elaboração do saber e da transmissão ou disseminação da cultura. Tratando-se de informar, dar acesso, permitir aproximação das margens e das ruas à cultura, criamos talvez um paradoxo ou ainda uma séria dicotomia social, inculcada pelos processos de transmissão da informação cultural em âmbitos gerais. Toda a gama de fatores sociais engendrada em síntese na esfera do processo social compreende um pré-estabelecimento de condutas, condutas estas que são regidas por toda construção empírica da sociedade, sem exímio de culpa. Os ditames estruturais compreendem, novamente, além da vontade de poder a possibilidade de permissão que a própria estrutura social se encarrega de delimitar e determinar até onde as margens podem avançar, se pela constituição da rua ou pela imposição da sociedade. A possibilidade de desenvolvimento intelectual da massa está enquadrada em uma esfera do setor produtivo, cujo qual, requer especialistas benevolentes que sejam capazes de fechar os olhos e apenas aprimorar o processo de produção, seja do livro que transmite o saber ou da alta tecnologia desenvolvida para vigiar e punir a rua que o estabelece como especialista. Em razão dessa circunstância, as margens que se apresentam as ruas são ora elevadas por seu sofrimento ora execradas por sua existência; pela elementar situação social destas, pré-determinadas e comprimidas a aceitar tal estado, as possibilidades são minadas pelas diferenças do status cultural a que são sujeitadas. A cultura, por sua vez, não supre a lacuna que se forma entre o social e o antissocial, não dá vazão ao pensamento que se forma a partir das estruturas marginais. Daí, o não enraizamento é responsável por criar um distanciamento ainda maior nas possibilidades de acesso e transformação de consciência das classes. A cultura e sua subjetivação dicotomizam, formulando juízo de valores num vai-vem discursivo e no limiar do paradoxo teorizando suas diferenças que constituem-se por ser elitizada, detentora do saber elaborado por deter o capital e a marginal que sobrevive com as sobras e que não é considerada por suas raízes de formação. Embora isso seja perceptível, e precisamente assim disposto na esfera social, a contra partida é ainda a mais forte, a

³ HOLANDA, Chico Buarque de, *Música Construção*. 1971.

resistência e a contracultura se fundamentam para desestabilizar agressivamente as bases da sociedade e suas divagações sociais.

Velhos cocheiros

Para sustentar a diatribe, “*o capital avançado consome e desagrega valores pela práxis coletiva. Não é capaz de inserir o passado no presente e muito menos de resguardar sonhos para o futuro. Esvaziando o trabalho de significação humana, ele esvazia o sentido das lembranças e das aspirações.*” (BOSI, 1999, p.26.). O distanciamento, o desenraizamento e a vulgarização da cultura, cada qual com sua inscrição teórico-social, é responsável por denominações mais ou menos ponderadas. O distanciamento sucumbe quando na valorização da produção cultural advinda das margens, garantindo a veiculação de seu sôfrego pensamento, suas aspirações e desejos. Em consequência, a preservação daquilo que se construiu com a sofreguidão marginal, tanto urbana quanto rural. Já a vulgarização dos chamados conceitos elitizados de cultura que muitos lutam em preservar, passa pelo mesmo crivo de preservação do pensar iletrado. O meio intelectualizado também perde um pouco sua função quando não encontra meios de ensinar as camadas subalternas, cresce aí o distanciamento; já não há mais sabedoria para lidar com os conceitos internalizados e não sistematizados das classes desfavorecidas. O fato é incontestável, a transposição cultural ocorre, a incidência com que ocorre é senão o mais preocupante elemento a ser analisado; a rua com seu valor de absorção e assimilação, e as margens com seu potencial de criação inato por sua condição, estão expostas às condições de acultramento as quais o tema deve maior atenção e “*não tomar as verdades, já pobres demais, contida na cultura dos intelectuais para desagradá-las, mutilá-las, esvaziá-las do seu sabor; mas simplesmente exprimi-las em plenitude por meio de uma linguagem que, conforme a palavra de Pascal, as torne sensíveis ao coração cuja gente a sensibilidade é moldada pela condição operária(...)* Procurar modos de transposição convenientes para transmitir a cultura ao povo seria ainda mais salutar para a cultura do que para o povo. Seria para ela um estímulo infinitamente precioso. Ela sairia assim da atmosfera irrespiravelmente confinada onde está encerrada. Deixaria de ser um objeto der especialistas.” (BOSI, 1999, p.29). As diferentes modalidades de produção da cultura, da burguesia e das massas, tanto urbana como rurais, são aglutinadas ou de certo modo homogeneizadas, devido à absorção em um único sistema, de todos os meios de produção. A homogeneização das aspirações não equivale dizer que os processos, assim como os recursos são iguados. Não são eliminadas as diferenças entre a burguesia e as margens nem tampouco entre as sociedades no aspecto fundamental, a apropriação e o comando dos

meios de produção, mas, cria-se aí um falso invólucro de que todos podem desfrutar de modo real ou virtual da idéia de superioridade da cultura elitizada. Toda a tentativa de desenvolvimento livre ou alternativo por parte das margens é barrado, rebaixado e deslegitimado, tanto o seu consumo e produção quanto sua estrutura social e linguagem são redimensionados com o intuito de se tornarem ferramentas na diminuição dos anseios e satisfações da classe dominante. *“A multinacionalização do capital que é acompanhada pela transnacionalização da cultura, impõe uma troca desigual tanto aos bens materiais quanto aos bens simbólicos. Mesmo os grupos étnicos mais remotos são obrigados a subordinar a sua organização econômica e cultural aos mercados nacionais, e estes, transformam-se em satélites da metrópole, de acordo com uma lógica monopolista.”* (CANCLINI,1982, p.47). A veiculação da cultura e da cultura civilizatória acontece de modo a ninguém se opor significativamente a este processo, tal qual ocorre por conquista, por apresentação de um novo modelo, cujo ideal é o melhor, ou pela imposição que ocorre na maioria das vezes; quando em país estrangeiro, pela imposição da língua, pelos bens de consumo e avanços tecnológicos. O fato é que não há como negar este elemento hodierno cujo maior responsável é a instauração do capital nas sociedades que anseiam sobreviver e se sobressair em desenvolvimento. Para subsistir, uma sociedade pressupõe um dado equilíbrio relacionado às suas necessidades e ao o que oferece o meio material, necessitando assim de resoluções correlatas e completas, cujas quais depende a eficácia e a constituição do equilíbrio. As resoluções surgem, por sua vez, dependendo da quantidade e relevância das necessidades a serem supridas. Surge aí, o principal ponto de partida, todas às vezes, em que se aborda a temática das relações do grupo social, da sociedade, com o meio material. De fato, aquilo que é necessitado possui uma pluralidade natural e social, pois se aquilo que surge a priori são manifestações orgânicas deste grupo social, a completude destes se constitui por meio de interferências humanas que vão se tornando complexas e coagem com o restante da sociedade para se configurar enquanto tal. Temos então que a complicação e a desagregação de caráter inteiramente natural que se sustenta para que se tornem produtos do mesmo conjunto social . Podemos nos inferir sobre tal *“ que as sociedades se caracterizam, antes de mais nada, pela natureza das necessidades de seus grupos, e os recursos de que dispõem para satisfazê-las”*. (CANDIDO,1997.p.23). Logo, o não solucionamento destas questões, dá margens necessárias ao aparecimento desenfreado de uma densa gama de problemas sócio-estruturais cujos quais, os mecanismos desenvolvidos não tem a singular capacidade de elucidação nem tampouco compete a estes forjar resoluções mesmo que paliativas; cada tentativa é absorvida pelo sistema social e seus elementos que o configuram intrinsecamente. Surge então a análise,

a configuração da sociedade em relação a rua, suas imbricações e relevâncias no processo de preservação e desenvolvimento da cultura, da universalidade social. E a vida, a vida vertiginosa.

Referências

- BARTHES, Roland. **Critique et Vérité**. Seuil, Paris, 1966.
- BRASIL, Assis. **A Nova Literatura**. Rio de Janeiro. Ed. Americana, Brasília, 1973.
- BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira**, Temas e Situações. Série Fundamentos, 3ª Ed., Atica, São Paulo, 1999.
- DO RIO, João. **A Alma Encantadora das Ruas**. Companhia das Letras, São Paulo, 1997.
- DO RIO, João **Vida Vertiginosa**, Rio de Janeiro, Garnier, 1911,
- CANDIDO, Antonio. **Parceiros do Rio Bonito**, Ed 34, 8ªed, São Paulo, 1997.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- DUARTE, Newton. **A Individualidade Para-Si**: Contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. 1ª ed. Autores Associados. São Paulo: 1993.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996. p.26.
- FREUD, S. **O Mal-estar na Civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. V.XXI. Rio de Janeiro: Imago.1974.
- MARX, K. **Elementos Fundamentais para la Critica de la Economia Política** (Grundrisse), 14ª ed. Traduzido do Alemão por Pedro Scarón, México, Siglo Veinteuno Editores. 1986.
- MEYER, A. V. **A Psicanálise na Época da Ciência e da Técnica**: O Sentido do Humano. *Jornal de Psicanálise*. V. 32 (58/59) pp. 153-162, 1999.
- PEREIRA , Lúcia Autran Rodrigues. **O pensamento vivo de Tolstoi / apresentado por Stefan Zweig**. Imprensa: São Paulo : Martins , 1961.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. **Qu'est-ce que la Propriété?**, 1810.
- ROUANET, S.P. **Mal-estar na Modernidade**. Revista Brasileira de Psicanálise. V. XXXI (1).1997.
- SARTRE, Jean Paul. **O Que é a Literatura**. Atica, São Paulo, 1993.
- SCHNAIDERMAM, Boris, **Tolstoi**. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- SZTOMPKA, Piotr. **A Sociologia da Mudança Social**. 2ª ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2005.